

74-12-60

## A CRÔNICA de Rubem Braga

### ESPÍRITO ESTADUAL

CONTA um jornal que o Governador Juraci Magalhães, chegando ao Rio, disse, entre outras coisas, que a presidência da Petrobrás foi pelo Sr. Jânio Quadros reiteradamente prometida, à Bahia.

Penso que o Sr. Jânio Quadros fez mal em prometer e o Sr. Juraci Magalhães faz mal em lembrar a promessa. Não que a Bahia não tenha homens à altura do cargo; terá, e muitos. Mas é que, para a presidência da Petrobrás, o Sr. Jânio Quadros não deve escolher simplesmente um bom nome ou um nome digno, mas precisamente o melhor nome. A promessa restringe essa escolha. Pode calhar que o melhor nome seja baiano; mas é mal que o deva ser por força.

E digo mais. Já agora, como existe a promessa, me parece pouco indicado que o presidente seja baiano. Quem fôr nomeado presidente saberá que o foi como baiano. E, por mais vivo que tenha o sentido nacional de sua missão, ele estará na contingência — praticamente no dever — de pensar estadual.

E chega de pensar estadual. Vemos Minas Gerais a quebrar lanças por um oleoduto e uma refinaria cuja necessidade no momento ninguém fora de Minas ousa afirmar. Gastar dinheiro — e muito dinheiro — em obras adiáveis, por motivos estranhos ao natural sistema de prioridades de um programa nacional de petróleo, é cercear e atrasar a ação da Petrobrás. Na última vez que fui a Minas, tive, pela imprensa, notícia de um movimento no sentido de que a sede da Companhia Vale do Rio Doce seja transferida para Belo Horizonte. Por que Belo Horizonte? Por que não Itabira, Vitória ou Brasília? Qualquer uma destas cidades — uma a do minério, outra a do pórtio, outra a capital do País — seria mais indicada para sede da companhia; e no momento penso que a mais indicada de todas continua a ser o Rio, onde ela funciona.

Tanta coisa a fazer neste País, tantos perigos a ameaçarem a sorte mesma da Vale do Rio Doce, como a calamitosa pretensão da Hanna — e aqueles senhores de Belo Horizonte empenhados sobretudo em puxar a sardinha para a sua brasa...

A Bahia, até agora único Estado produtor de petróleo do Brasil, tem certamente direito a um tratamento especial da Petrobrás e inclusive já conseguiu, por diligência do mesmo Sr. Juraci Magalhães, ver aumentada a sua participação no óleo extraído. Que tenha outras reivindicações, e as apresente. A direção da Petrobrás é que não lucra nada em ser forçosamente baiana; ela deve ser, antes de tudo, nacional, para poder enfrentar com êxito os grupos estrangeiros e brasileiros cujos interesses seu progresso contraria. Pensar em termos estaduais é pensar curto.

Agora que se discute o problema das refinarias particulares, lembrei-me de conversa que tive, há tempos, com um amigo ligado a um desses grupos. Cansado de argumentar com dados e teses, passou ele, a certa altura, a elogiar o presidente de uma empresa particular de refino. Perguntou-me se eu o conhecia. Respondi que sim, mas muito ligeiramente. "Pois V. precisa conhecê-lo melhor! V. vai ficar encantado! V. vai mudar de opinião. Ele, que aliás é um grande admirador seu, é um sujeito finíssimo e boníssimo. Eu, que o conheço profundamente, posso lhe dizer: Fulano é um santo, é um verdadeiro santo!"

Não respondi, mas pensei comigo que um verdadeiro santo não deve se meter nessa coisa de petróleo. Como tudo que existe nas profundas na terra, petróleo é coisa do diabo. Para presidente da Petrobrás precisamos de um homem que saiba lidar com os demônios. Ele pode ser baiano, mas não deve ser por força baiano; em assunto de tal modo vasto e grave não podemos pensar em termos de um inferninho particular.

193